

## **ARQUIVOS ACADÊMICOS: RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA**

Nicholas C. Burckel<sup>1</sup>

**H**á quase trinta anos, na edição inaugural de *The Midwest Archivist*, um jovem arquivista teve a audácia de sugerir que os arquivistas de faculdades e universidades tivessem um papel mais ativo no processo de documentação de suas instituições. Dadas as mudanças dramáticas na profissão, desde então, algumas daquelas sugestões parecem ter sido mais ingênuas que premonitórias. Autores, raramente, têm uma segunda chance de rever seus trabalhos anteriores. Louvo, portanto, a oportunidade de examinar a profissão mais uma vez, nessa ocasião, a partir da perspectiva de um arquivista mais amadurecido.

Este artigo traça, primeiramente, as mudanças na profissão do arquivista com ênfase especial nos arquivistas de faculdades e universidades, principalmente por meio de levantamento estatístico. O restante do artigo examina os novos desafios e os papéis dos arquivistas de faculdades e universidades, enfocando o ambiente acadêmico em que trabalhamos, as implicações deste ambiente para os arquivistas, e algumas formas de melhorar tanto o processo de documentação do ensino superior quanto o acesso a essa documentação.

### **PASSADO E PRESENTE**

Ao longo das três últimas décadas, têm ocorrido frequentes e generalizadas mudanças na profissão dos arquivistas e, especialmente, no papel dos arquivistas de faculdades e

---

<sup>1</sup> Dr. Nicholas Burckel é diretor de bibliotecas e professor associado de História na Universidade de Marquette, EUA, e responsável indicado para a Comissão Nacional de Serviço de Publicações e Registros Históricos. Anteriormente, ele exerceu o cargo de diretor associado de bibliotecas da Universidade de Washington e professor adjunto associado da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade de Missouri. É membro da Sociedade Americana de Arquivistas (SAA) e ex-Presidente da Conferência dos Arquivos do Centro-Oeste e Coordenador da Academia de Arquivistas Certificados.

universidades. Em pesquisa com aproximadamente 1.400 instituições, dentre faculdades e universidades, com índice de resposta de 61% a 62%, essas instituições indicaram possuir um arquivo<sup>2</sup>. Os responsáveis pelos arquivos foram identificados tanto como "bibliotecário" quanto "arquivista", nos quais quase um quarto dedicavam menos de 10% do tempo de um profissional, membro da equipe, para o exercício dessa função. Cerca de dois terços dos arquivos acadêmicos foram fundados entre 1960 e 1972 e mais da metade de todos os arquivos acadêmicos detinham menos de 500 metros cúbicos de documentos.

Oito anos depois, Nicholas C. Burckel e J. Frank Cook, recorrendo a uma amostra de 110 faculdades e universidades nos Estados Unidos, e com um percentual de 88% de respostas, forneceram um perfil mais apurado dos arquivos acadêmicos, embora essa pesquisa tenha sido baseada em uma população menor do que a da pesquisa de 1972<sup>3</sup>. Em 1991, William Maher realizou uma pesquisa similar. Conquanto o seu instrumento de pesquisa tenha sido um pouco diferente, foi possível estabelecer comparações úteis, devido à semelhança entre as pesquisas. A maior variação ocorreu na amostra populacional utilizada, tendo em conta que a pesquisa dele alocava maior peso às instituições privadas (53,1%) e às instituições pequenas (42,7%) do que a pesquisa de Burckel-Cook. Tendo em mente essa ressalva, parece que nos dez anos decorridos entre esses dois grandes levantamentos, ocorreram algumas mudanças:

- o tamanho da equipe aumentou, em grande parte, por causa do aumento de utilização por estudantes e voluntários.
- o número de arquivistas com apenas curso de graduação diminuiu, assim como o número daqueles com doutorado. Houve um aumento no número de arquivistas com dois mestrados; desses, a maioria tinha um mestrado em Biblioteconomia [*Master in Library Science - MLS*] e outro mestrado em outra área.
- aumento significativo de participação em "workshops" no âmbito de programas sem diploma de graduação, refletindo o aumento da disponibilidade e variedade desses

---

<sup>2</sup> LELMUTH, Ruth W. I. 'fatos surpreendentes revelados pela pesquisa C & L', apresentados por Comissão dos Arquivos de Faculdade e Universidade na XXXVI Reunião Anual da Sociedade Americana de Arquivistas (SAA), Columbus, OH, 31 de outubro a 03 de novembro de 1972 (não publicado).

<sup>3</sup> BURCKEL, Nicholas C.; COOK, J. Frank. "A Profile of College and University Archives in the United States," *American Archivist* 45 (Fall 1982): 4 10-28.

programas na Sociedade Americana de Arquivistas (*Society of American Archivists - SAA*) e nos encontros regionais arquivísticos.

- em 1981 não existia a Academia de Arquivistas Certificados, e em 1991, menos de 20% dos arquivistas acadêmicos eram arquivistas certificados.
- em ambas as pesquisas, menos da metade das instituições tinham programas de gestão de documentos, revelando ligeiro aumento desses programas como sendo parte da responsabilidade dos arquivistas das universidades.
- as horas de serviço aumentaram, embora o número de consultas não.
- o uso funcional era geralmente consistente, com a maior parte dele sendo realizado pelos estudantes, seguido dos administradores.
- o orçamento anual médio mais que duplicou.
- a porcentagem de tempo gasto na maioria das funções de arquivo (avaliação, arranjo e descrição, referência (notação/fontes relacionadas/referência/destinação) e de gestão de documentos) não variou significativamente, mas maior porcentagem de tempo, do que registrada anteriormente, foi destinada à preservação e fiscalização,.
- as prioridades, em termos dos assuntos mais prementes, mudaram significativamente. A pesquisa anterior enfatizou o aumento do espaço e a redução de atrasos, enquanto a pesquisa de 1991 refletiu uma ênfase no maior incentivo à utilização dos acervos e à formação e especialização de pessoal mais abrangente<sup>4</sup>.

Outra maneira de examinar a mudança do papel dos arquivistas acadêmicos é traçar a sua ascensão, ao longo de cinquenta anos, até o seu domínio na SAA. Entre 1940 e 1990, o número de membros da Sociedade cresceu de menos de 250 para cerca de 3.000, e a porcentagem de mulheres mais que duplicou de menos de 25% para 54%. Em 1990, as faculdades ou universidades empregavam maior número de membros do que qualquer outro empregador institucional. A liderança da SAA reflete um aumento constante do papel das mulheres, um aumento no nível de instrução e maior participação de membros mais jovens. Arquivistas de instituições acadêmicas dominavam a maioria das posições na Sociedade. Em

---

<sup>4</sup> Os dados de 1991 foram extraídos a partir de um levantamento inédito realizado por William Maher, da Universidade de Illinois-Urbana-Champaign, e Diane Shaw, da Universidade de Lafayette.

1990, esses arquivistas representavam o maior percentual de membros do conselho editorial da revista *The American Archivist*. Naquele ano, arquivistas de faculdades e universidades superavam o segundo maior grupo de participantes (arquivistas de governos estaduais e locais), na reunião anual, em proporção de quase quatro para um, e representavam quase um terço de todos os participantes da sessão, de longe o maior número presente. Dezesete, dos últimos vinte e cinco, e todos os últimos nove presidentes vieram de instituições acadêmicas e eram arquivistas de faculdades e universidades ou ensinam/ensinaram cursos de arquivo nas universidades<sup>5</sup>.

A pesquisa mais recente e abrangente, "A\*Census", foi realizada na primavera de 2004, financiada com doação do Instituto de Serviços para Museus e Bibliotecas [*Institute for Museum and Library Services*]. Uma empresa de gerenciamento de pesquisa, trabalhando em estreita colaboração com a SAA e representantes de associações de arquivo regionais, desenvolveu e distribuiu a pesquisa para cerca de 12.000 indivíduos, dos quais responderam aproximadamente 42%. Por não ser uma pesquisa restrita a membros da SAA ou amostra aleatória das instituições acadêmicas, seus resultados variam um pouco em relação às anteriores. As respostas demonstraram que:

- os arquivistas de faculdades e universidades constituem o maior percentual de membros da SAA (36%), seguidos por arquivistas das agências governamentais (31,6%).
- as mulheres constituem cerca de dois terços da profissão (64,7%) e esse número está aumentando. Cerca de 80% dos novos arquivistas que ingressam na profissão são mulheres.
- comparando com valores obtidos há quase 50 anos, o número daqueles que possuem doutorado caiu de 18% para 8,4%, enquanto o número daqueles com mestrado aumentou significativamente. Desde 1982, o número de mestres em biblioteconomia [*Master's in Library Science*] ou grau equivalente, duplicou de 20% para 40%.
- os arquivistas de faculdades e universidades recebem, geralmente, uma média anual de salários (U\$46.882) mais baixos que os arquivistas do governo (U\$50.500) ou

---

<sup>5</sup> BURCKEL, Nicholas C. "The Society: From Birth to Maturity" *American Archivist* 61 (Spring 1998): 12-35.

aqueles de organização com fins lucrativos (U\$55.022). Esse padrão também é válido para os gestores de arquivos.

- Em média, as mulheres ainda ganham menos que os homens (U\$42.603 contra U\$48.296); mas a diferença está diminuindo. Para aqueles contratados a partir de 2000, a diferença é inferior a U\$1.000<sup>6</sup>.

Especificamente em relação aos arquivistas de faculdades e universidades que responderam à pesquisa há dados interessantes, que não foram coletados em levantamentos anteriores:

- as mulheres constituem cerca de dois terços dos arquivistas das faculdades e universidades.
- pouco mais de 60% se autotranscrevem como arquivistas ou curadores de manuscritos, seguidos de 11% que têm outra profissão, mas cujas responsabilidades incluem atividades relacionadas aos arquivos e 8% que gerenciam um programa que emprega arquivistas.
- a grande maioria dos entrevistados, 91%, era de cor branca.
- o principal meio de formação em estudos de arquivo foi a pós-graduação (41,7%), seguido por educação permanente (21,5%).
- previsivelmente, os temas mais citados em educação permanente foram digitalização, direitos autorais, preservação de registros eletrônicos e gestão de bens midiáticos e digitais.
- 60% dos arquivistas de faculdades e universidades trabalham para seu empregador atual há dez ou menos.
- apenas 40% indicaram que o trabalho em arquivo constituía a sua primeira carreira.
- quase 25% planejam se aposentar nos próximos nove anos, e 27%, nos próximos dez a dezenove anos.

---

<sup>6</sup> WALCH, Victoria Irons. "A\*Census: a first look at the archival community in The Midwest," Midwest Archives Conference, Des Moines, IA, 29 de outubro de 2004.

- surpreendentemente, apenas 27% indicaram afiliação a uma organização arquivística nacional ou internacional; 22,3% em uma associação de arquivo regional, e 13,5% em uma associação de Ciência da Informação e Biblioteconomia<sup>7</sup>.

Se muitas mudanças têm ocorrido na profissão, muitas mudanças também têm ocorrido na comunidade arquivística das faculdades e universidades. A mudança mais óbvia foi o impacto da tecnologia da informação, uma mudança que vem se acelerando. Como Helen Tibbo observa no Capítulo 2 deste volume, a tecnologia digital e a *world wide web* ainda não de mudar as nossas funções de avaliação, arranjo e descrição, referência, e preservação, mas elas já têm afetado dramaticamente a forma como nós executamos essas funções. Uma apuração informal dos arquivistas de faculdades e universidades, realizada no outono de 2004, identificou diversas mudanças, nos últimos vinte anos:

- A evolução da descrição padronizada de documentos digitais refletida na adoção do padrão MARC EUA AMC - adaptado do registro bibliográfico criado por bibliotecários para catalogar livros. Mais recentemente, os arquivistas de faculdades e universidades começaram a usar EAD<sup>8</sup> como um padrão descritivo.
- A maior disponibilidade de instrumentos de pesquisa institucionais e, posteriormente, uma quantidade seleta de material de arquivo disponível em formato digital, via *world wide web*.
- A mudança de acesso aos acervos *in loco* para acesso remoto. Em alguns casos, os usuários podem usar o material disponibilizado em um *site* institucional, sem deslocar-se até o arquivo. Em outros casos, instrumentos de pesquisa virtuais auxiliam pesquisadores a localizarem o que precisam, com mais precisão, antes de visitarem o arquivo. Por fim, o conhecimento da existência de documentos arquivísticos impulsionou maior número de solicitações via *e-mail*, transferindo, eventualmente, parte da pesquisa que o usuário teria que realizar no arquivo para o arquivista responder à consulta.

---

<sup>7</sup> Agradecimento à Ann Mallinger dos *Serviços de Tecnologia de Informação* da Marquette University, por seu auxílio nas análises dos dados sobre arquivos de faculdades e universidades contidos na pesquisa "A" *Census* de 2004, produzida pela Society of American Archivists.

<sup>8</sup> Sigla para *Encoded Archival Description*.

- O surgimento de documentos de "origem digital", os quais começam a ser recolhidos aos arquivos.
- O ligeiro declínio do tempo gasto em avaliação. Apesar da diminuição, o número ainda gira em torno de 10%. Isso pode ocorrer porque, mesmo sem um sistema de gestão de documentos coerente, documentos importantes de certas repartições, uma vez identificados, passam a não exigir o mesmo grau de avaliação quando de entrada subsequente.
- A diminuição geral do tempo dedicado ao arranjo e à descrição, à medida que outras atividades obrigam os arquivistas a dependerem de lista de entrada de documentos para acesso adequado aos mesmos. As descrições do fundo documental estão, hoje em dia, amplamente disponíveis na web.
- Os fundos documentais são hoje mais amplamente conhecidos que no passado, devido, principalmente, ao fato de que os instrumentos de pesquisa, antes gerados manualmente, vêm sendo digitalizados e disponibilizados por meio de sites institucionais e os novos acervos vêm sendo listados em catálogos *on-line* do campus. O impacto tem sido no aumento do número de solicitações, especialmente daquelas não relacionadas à pesquisa acadêmica. Isso resultou em um aumento substancial em visitas virtuais ao arquivo, em uma queda acentuada no correio tradicional e em declínio menos acentuado em visitas *in loco*. Frequentemente, visitantes virtuais não-acadêmicos necessitam de assistência significativa da equipe do arquivo, ou porque o usuário tem apenas um pedido vago (por exemplo: "O que você tem em seus arquivos sobre os protestos estudantis na década de 1960?") ou porque ela/ele quer uma informação específica, não facilmente disponível (por exemplo: "Quem foi a pessoa mais jovem a se formar na universidade?"). Porquanto os arquivistas têm aumentado a consciência dos usuários sobre os arquivos e seu acesso, tornando-os facilmente disponíveis para os não-acadêmicos, esses usuários frequentemente têm expectativas irreais sobre o que os arquivistas podem fazer e sobre o prazo em que podem ser atendidos. Alguém que escrevia uma carta esforçava-se muito mais do que o usuário que, simplesmente, faz uma pesquisa no Google e envia uma consulta por *e-mail*.



- A ênfase contínua e uniforme na gestão de documentos, por parte de instituições acadêmicas, em razão da preocupação com questões legais: desde pesquisa em seres humanos, auditorias, regulamentos de Administração de Segurança e Saúde Trabalhista [*Occupational Safety and Health Administration* - OSHA], privacidade, direitos autorais e patentes, até o assédio sexual e a discriminação racial. Embora tenha havido algum crescimento nessa área, a maioria das instituições não tem colocado maior ênfase na gestão de documentos que haviam feito no passado, e não tem um processo formal de elaborar tabela de temporalidade de documentos. Documentos retidos por um período determinado tendem a ser os documentos financeiros.
- Um declínio de ênfase na preservação. Apesar de sua posição dominante há vinte anos, a preservação ainda ocupa apenas cerca de 5% dos esforços dos arquivistas. Isso é um tanto surpreendente, dada a rápida mudança de suporte papel para documentos eletrônicos, e a mudança ainda mais rápida do suporte de armazenamento de informações digitais (por exemplo, disquetes, *zip drives*, CD-ROMs e discos rígidos) e a evolução do *software* necessário para ler as informações. Esse não é, claramente, problema que se restringe unicamente a arquivos das faculdades e universidades.
- Um aumento do apoio dos arquivistas a repartições localizadas no *campus*, tais como os escritórios de captação de recursos, de assuntos afetos a ex-alunos, de relações públicas e bibliotecas. Conquanto tenha aumentado a visibilidade dos arquivos, isso tem acarretado mais esforço no preparo de exposições, na participação de trabalhos em comissão e no incremento da presença do arquivo no *site* da instituição. Normalmente, esse aumento de trabalho não tem sido compensado suficientemente por um aumento comparável da equipe. A ênfase passou das operações secundárias à promoção de maior conhecimento e uso dos arquivos.
- Um aumento do envolvimento dos arquivistas, direto ou indireto, na captação de recursos. À medida que a responsabilidade de captar fundos para as prioridades da universidade desloca-se ainda mais para a base da hierarquia administrativa, aumenta-se a pressão para buscar fundos ou recursos ou doações para projetos especiais ou novas iniciativas. Os arquivistas também descobriram que não basta dar entrada e



processar documentos. Cada vez mais, eles devem buscar formas de promover o uso dos arquivos e comercializar os seus serviços. Em uma era de excesso de informação, eles precisam captar a atenção de potenciais usuários que têm sempre à mão uma rica variedade de outras fontes de informação<sup>9</sup>.

## NOVOS PAPÉIS E DESAFIOS

Arquivistas de faculdades e universidades necessariamente, operam dentro de um contexto mais amplo que o das suas instituições de origem, enquanto a academia, por sua vez, opera no contexto de mudança das necessidades e expectativas da sociedade. Reconhecer e se adaptar a essas mudanças é crucial para a viabilidade dos arquivos acadêmicos. Alguns dos principais fatores-chave aos quais precisamos reagir, incluem: (a) a relação do nosso trabalho com a missão do *campus*, (b) a necessidade de avaliação institucional, (c) a ampla difusão da tecnologia digital e o respectivo surgimento de normas nacionais e treinamento formal, e (d) o aumento do nível de expectativas do usuário por um acesso imediato e abrangente de informações em formato digital.

### Missão Institucional e da Biblioteca

No momento em que se exige dos envolvidos no ensino superior fazer mais com menos recursos, as faculdades e as universidades estão analisando quão satisfatoriamente os seus programas apoiam as missões das suas instituições. Os programas que não apoiam diretamente a pesquisa dos acadêmicos e o ensino ou a aprendizagem dos alunos são vulneráveis. O arquivista da Universidade do Estado de Ohio, Raimund Goerler, observa que o desafio para a maioria dos arquivistas que trabalham no âmbito da biblioteca de sua universidade é "integrar os arquivos institucionais mais estreitamente com os materiais convencionais de bibliotecas, especialmente por meio de acesso dos instrumentos de pesquisa *on-line* e *sites* sofisticados. Somente dessa forma terão os arquivos uma chance de estar na lista de prioridades de recursos da biblioteca. A *web* tornou essa integração possível,

---

<sup>9</sup> Esta informação tem base em sondagem informal, incluindo as seguintes instituições: Amherst, Auburn, Clemson, Emory, de Harvard, em Louisville, Marquette, Michigan State, Oberlin, Ohio State, Ohio. Penn Slate, Princeton, Pittsburgh, Rutgers, Texas A & M, e Wisconsin-Madison.

ao passo que no passado, arquivos e acervos especiais encontravam-se mais isolados dentro do ambiente da biblioteca<sup>10</sup>. A falta de recursos, mesmo em universidades abastadas, sugere que esse não é apenas um problema das pequenas instituições ou daquelas com recursos modestos. Frederick Honhart, arquivista da Universidade do Estado de Michigan descreve a situação de outra maneira: "Você deve mostrar de forma contínua por quê o arquivo é importante naquilo que se propõe, e, em seguida, que é relevante na universidade de hoje e de amanhã"<sup>11</sup>. Ben Primer, da Universidade de Princeton, vê duas razões para isso: "primeiro, somos vistos como um luxo que não é vital para o trabalho das instituições e, segundo, esbarramos no fato de que representamos um custo direto, e não indireto"<sup>12</sup>. O problema de recursos não é novo, e sua persistência sugere que sempre será um problema para os arquivistas. Precisamos, portanto, encontrar melhores maneiras de competir por recursos institucionais.

### **Avaliação**

Um dos problemas que os arquivistas de faculdades e universidades têm enfrentado é que, conquanto forneçam uma boa documentação dos setores administrativos e documentos oficiais, realizam um trabalho muito menos completo na documentação das atividades dos professores e dos estudantes. O que ocorre em sala de aula, o que a faculdade realmente ensina, quão bem os alunos aprendem, e quais documentos temos para avaliar os resultados da aprendizagem?

Há trinta anos essas questões não foram respondidas por documentos em posse de arquivos universitários; em vez disso, respostas tiveram de ser inferidas a partir de documentos localizados em arquivos de faculdades, alguns dos quais podem ter sido encaminhados aos arquivos. A "avaliação" dos resultados do aprendizado traduzia-se no simples domínio do conteúdo do curso, conforme refletido em nota semestral única. A prestação de contas, crescentemente exigida por doadores, contribuintes, governo estadual

---

<sup>10</sup> COERLER, Raimond. conversa pessoal com o autor, 15 de outubro de 2004.

<sup>11</sup> LONHART, Frederick I, conversa pessoal com o autor, 13 de outubro de 2004.

<sup>12</sup> PRIMER, Ben, conversa pessoal com o autor, 9 de outubro de 2004.

e federal, pagadores de mensalidade, e as agências regionais de credenciamento de ensino superior, têm obrigado as universidades a se concentrarem no que os alunos aprendem, em vez de no número de disciplinas cursadas ou na quantidade de tempo gasto em sala de aula, refletidos em crédito/horas. Essa mudança de ênfase apresenta, simultaneamente, um desafio e uma oportunidade para os arquivistas. O maior desafio é jurídico, envolvendo principalmente direitos de privacidade; a grande oportunidade é o aumento da disponibilidade de evidências, facilmente coletadas, relativas à aprendizagem do aluno. Exemplos não faltam, mas dois deles são suficientes: *software* de gestão de cursos (CMS) e serviços de detecção de plágio. A maioria das universidades oferece, quando não exige que todos professores o utilize, algum tipo de CMS. Atuais exemplos populares são *Blackboard* e *Desire2Learn*. Conquanto cada um ofereça recursos adicionais exclusivos, seus pacotes básicos fornecem um *site* acessível, via *web* digital, utilizado para comunicação entre o professor e os alunos matriculados no curso. Informações típicas incluem a ementa, as leituras recomendadas (incluindo *links* para o texto completo de artigos eletrônicos reservados), exemplos de testes, esboços de palestra, tarefas especiais e arquivo de discussões ou de sessões de bate-papo. Os alunos podem fazer testes *on-line* e testes com *feedback* imediato. Eles também podem enviar monografias, relatórios de laboratório ou projetos de grupo, diretamente para o professor ou para toda a classe, como se faz frequentemente em um seminário. Essa informação fornece a melhor evidência, até agora, sobre "o quê" e "como" os alunos estão aprendendo. Essa informação é criada no decorrer do semestre e proporciona um tipo de documentação indisponível há menos de uma década."

O uso generalizado de reservas eletrônicas, disponíveis através de CMS ou catálogo *on-line* de biblioteca, é uma oportunidade para os arquivistas introduzirem o uso de fontes primárias nas disciplinas, sem acarretar risco de danos aos arquivos e sem exigir dos estudantes a visita aos arquivos em horários limitados. Utilizando-se de CMS, partes dos arquivos podem ser selecionadas e digitalizadas para acesso em disciplinas específicas, sem torná-las disponíveis para todos, caso isso seja desejado. Frequentemente fontes primárias não se prestam à uma busca fácil por palavras, devido a emendas no texto e à má qualidade

do texto digitado, que dificulta o reconhecimento óptico de caracteres. Mas até mesmo um PDF pode impulsionar o aumento da utilização e da compreensão de fontes primárias.

O mero fato de a informação ser mais fácil de acessar, entretanto, não assegura que ela vá sobreviver ou que possa ser utilizada para fins de investigação. Isso não significa que os arquivistas devam simplesmente esperar que a jurisprudência evolua. A entrada de documentos em arquivos do governo tem sido aprovada rotineiramente, tais como: testemunho do grande júri, documentos de adoção e dados clínicos de saúde, que devem ser mantidos em sigilo por longos períodos. Caso não aceitassem esse tipo de acervo, os arquivos do governo não estariam em posição de responder às mudanças na legislação que permitem o acesso a documentos de adoção e de saúde, sob certas condições. Embora não seja realista esperar que alguma instituição capture todas as informações sobre todas as disciplinas, talvez fosse útil iniciar estudos sobre como documentar o aprendizado do aluno, de forma bem mais limitada, trabalhando com a assessoria jurídica, professores e tecnólogos da informação, para encontrar uma forma de proteger a privacidade, mas também de preservar a maior parte do conteúdo da disciplina. A seção da SAA de arquivos de faculdades e universidades deveria considerar a investigação da problemática de como documentar da melhor forma a aprendizagem dos alunos e, com base nos resultados da investigação, desenvolver diretrizes e estratégias. Nas universidades mais famosas bibliotecários estão investindo, de forma significativa, em iniciativas digitais elaboradas para melhorar o ensino e a pesquisa e para apoiar o movimento em prol da avaliação do aprendizado. Os arquivistas precisam participar dessas discussões.

Um ponto de partida poderia ser a discussão e a agenda de pesquisa relacionada aos documentos dos alunos, sugeridos por Tamar Chute e Ellen Swain. A pesquisa delas com arquivistas que lidam com a Lei dos Direitos Educacionais e Privacidade da Família, atraiu uma variedade de respostas. Um entrevistado observou que "A principal razão de uma universidade existir é para servir a seus alunos - quando a experiência dos alunos não é documentada, surgem questionamentos sobre todo o registro histórico de uma instituição acadêmica"<sup>13</sup>. Os autores concluem, de forma pessimista, que pouco mudou desde que

---

<sup>13</sup> Uma abordagem complementar que resume o projeto-piloto da *University of Michigan*, see Nancy

Marjorie Barritt relatou, há quase vinte anos, que "os arquivistas estão permitindo que as repartições destruam os documentos dos alunos ao invés de transferí-los para os arquivos."<sup>14</sup>

### **Tecnologia**

Outro fator que influencia o nosso trabalho é a difusão e o impacto da tecnologia digital. Se o passado é prólogo, os problemas futuros a serem enfrentados por arquivistas de faculdades e universidades já podem ser vislumbrados em preocupações atuais. Claramente, a questão mais importante é o papel do arquivista na gestão de documentos eletrônicos. Frederico Ionhart chega ao ponto de escrever: "Se nós não lidarmos com este problema, os arquivos, como os conhecemos, serão extintos"<sup>15</sup>. Leon Stout, chefe dos serviços públicos e divulgação da Biblioteca do Acervo Especial da Família Eberly, na Universidade do Estado da Pensilvânia, caracteriza esse problema como "uma grande represa ameaçando um vale com seu número crescente de rachaduras e vazamentos que poderá desaguar, rapidamente, em torrentes"<sup>16</sup>. Um grande trabalho de pesquisa e desenvolvimento nesta área envolvendo os Arquivos Nacionais, as instituições acadêmicas e o mundo corporativo é uma grande promessa, mas as faculdades e as universidades não podem simplesmente esperar por uma solução única que, de repente, torne-se, amplamente disponível a um custo acessível<sup>17</sup>.

Para os arquivistas, uma função correlata à tecnologia tem a ver com a gestão de documentos. Como observado anteriormente, as instituições têm sido lentas na tarefa de centralizar essa função, tanto dentro dos arquivos universitários quanto em unidade separada de todo o *campus*. O impacto da tecnologia tornou esse problema mais fácil, e ao mesmo tempo, mais complexo para resolver. Tendo em conta que tem sido gerado e mantido crescentemente em formato eletrônico, há menos pressão para remover arquivos das

---

Deromedi, "Personal Faculty Websites: Exploring Archival Issues and Digital Convergence," *Archival Issues* 29 (2005): 9-18.

<sup>14</sup> CHUTE, Tamar G. ; SWAIN, Ellen D., "Navigating Ambiguous Waters: Providing Access to Student Records in the University Archives," *American Archivist* 67 (Fall/Winter 2004): 212-33. Ver também Kelly Field, "Education Department Considers Revisions to Privacy-Lavv Regulations, Official Says," *Chronicle of Higher Education* (April 8, 2005): A21.

<sup>15</sup> LONHART, Frederick I, conversa pessoal com o autor, 13 de outubro de 2004.

<sup>16</sup> STOUT, Leon, conversa pessoal com o autor, 24 de setembro de 2004.

<sup>17</sup> OAH Newsletter 32, no. 1 (Fevereiro 2004): 11; *Archival Outlook* (Set/Out 2004): 24.

entidades produtoras, cujas áreas de ocupação são dispendiosas. No entanto, a própria fragilidade dos documentos eletrônicos e a necessidade de acessar as informações, mesmo quando o *software* muda, complica o problema. A experiência de Roland Baumann, da Faculdade Oberlin é, provavelmente, típica para muitos arquivistas: "Eu ainda tenho que usar a arte da persuasão na aquisição/transferência de documentos institucionais. Nós ainda não temos as diretrizes aprovadas para a administração de documentos eletrônicos"<sup>18</sup>.

Outra grande inovação gerada pela tecnologia continuará a influenciar os arquivistas de faculdades e universidades. Não havia *world wide web* há vinte anos e o *e-mail* estava apenas começando. Agora, ambos são essenciais para a comunicação com nossos usuários e potenciais usuários. A conversão de instrumentos de pesquisa em papel para o formato digital foi concluída pela maioria dos principais custodiadores e os novos instrumentos de pesquisa estão sendo criados em formato digital. Para os arquivistas, o processo tem sido semelhante ao dos bibliotecários que passaram décadas em projetos de conversão massiva retrospectiva, transformando catálogos de papel em catálogos digitais *on-line*. Embora a mudança para o ambiente eletrônico tenha representado uma vantagem para os usuários, o trabalho e o custo de conversão, acarretaram frequentemente, um acúmulo crescente de acervos não processados, enquanto a equipe se concentrava na conversão. O impacto também foi sentido pela equipe, que agora recebe mais perguntas sobre os acervos, acompanhadas da expectativa de respostas rápidas. Arquivistas acolheram bem o uso intensivo de seus acervos, mas aumentou a pressão sobre os seus orçamentos, já limitados. A *web* se tornará muito mais importante à medida que as ferramentas de busca, como Yahoo, Google e o A9 da Amazon começarem a indexar o conteúdo da *web* de forma mais ampla e mais profunda<sup>19</sup>.

A tecnologia e as normas caminham lado a lado. A tecnologia tornou a aplicação de normas mais fácil ao criar um modelo para descrever e organizar as informações; as normas facilitaram o trabalho da tecnologia em fornecer informações consistentes. O professor Derek

---

<sup>18</sup> BAUMANN, Roland, conversa pessoal com o autor, 23 de setembro de 2004. Baumann sugeriu prazos de guarda e tabela de temporalidade para as divisões acadêmicas e departamentos universitários, bem como tabela de temporalidade para unidades administrativas. As tabelas estão disponíveis em: [www.oberlin.edu/archive/records/index.html](http://www.oberlin.edu/archive/records/index.html).

<sup>19</sup> RICHARDSON, Chris, "Amazon Enters Search Engine Fray with A9," *WebProNews*, 14 de abril de 2004, <http://www.wcbpronews.com/insidcrreports/searchinsider/wpn-49-20040414AmazonEntersSearchEngineFrayWithA9.html>.

Law, da Universidade de Strathclyde, em Glasgow, na Escócia, resumiu a necessidade de normas de garantia de qualidade, reivindicando o equivalente eletrônico dos testes de Maori para arquivos orais:

1. Receba as informações com precisão.
2. Armazene as informações com integridade incontestável.
3. Recupere a informação sem alterações.
4. Aplique julgamento apropriado na utilização da informação.
5. Repasse a informação de forma adequada<sup>20</sup>.

Vivemos, cada vez mais, em uma era de abundância e complexidade de informação (por exemplo, a diversidade dos formatos de informação, além de texto e fotografias). Isto nos obriga a passar mais tempo integrando descrições de nossos acervos em sistemas bibliográficos maiores (em âmbito local e nacional) e disponibilizando em formato digital as partes mais frequentemente utilizadas dos nossos acervos. A combinação de normas nacionais de informação (NISO, ANSI e outros) e a tecnologia digital possibilita aos arquivos a oportunidade de se tornarem parte da principal corrente de informação, estendendo o seu alcance a potenciais usuários e enriquecendo a qualidade da pesquisa. Essa possibilidade oferece aos arquivistas a oportunidade de demonstrar a sua contribuição para os objetivos das bibliotecas acadêmicas, ao destacar os materiais institucionais exclusivos e adotar tecnologia que liberta pesquisadores das limitações geográficas.

### **Educação**

Há trinta anos, quando escrevi sobre a expansão do papel dos arquivos acadêmicos, o credenciamento para uma educação padrão era uma licenciatura em História, de preferência com um mestrado. A melhor qualificação para entrar nesse campo era um treinamento em arquivo sob a supervisão de um arquivista veterano, ao invés de um curso formal de arquivo. Isso mudou significativamente. Agora, a credencial básica para profissionais em cargos iniciais é um mestrado em Biblioteconomia, com concentração em arquivo, obtido por meio de um

---

<sup>20</sup> *Elsevier Library Connect Newsletter* 2 (Dezembro, 2004): 8; Michele V. Cloonan and Shelby Sanett, "The Preservation of Digital Content," *portal: Libraries and the Academy* 5 (2005): 213-37.



programa credenciado na ALA. Uma pesquisa realizada na lista dos empregos ofertados no *Archival Outlook*, em sessenta e três faculdades e universidades, de novembro de 2002 a outubro de 2004, capta essa mudança. Quase 90% deles exigem um MLS, enquanto 8% adicionais, preferem o diploma. Por outro lado, menos de 60% exigem um mestrado em História ou outro campo apropriado, o que presumivelmente inclui um MLS. Apenas 6% exigem certificação da Academia de Arquivistas Certificados ou da Associação dos Gestores de Documentos e Administradores, embora 11% adicionais a prefiram isso. Há trinta anos, havia pouca menção de habilidades relacionadas com o computador. Quase um terço de todos os empregos listados nesta pesquisa exigiam ou davam preferência àqueles com habilidade geral com computadores, e um número significativo adicional especificou *web design*, gestão de banco de dados, descrição arquivística codificada e controle bibliográfico. De longe, a habilidade arquivística mais requisitada ou preferida (41%) refere-se ao conhecimento ou entendimento de catálogos e das normas e práticas de metadados como o AACR2, MARC, LCSH, DACS e Dublin Core, refletindo a influência de normas comuns, computação e integração com bibliotecas.

Os anúncios de emprego dessa pesquisa incluíram, como requisito básico ou preferencial, uma ampla experiência em arquivo. "Experiência com processamento" foi a exigência mais listada (44%), enquanto "experiência com documentos eletrônicos" ficou relegado aos requisitos menos exigidos, junto com o "desenvolvimento de acervos" ou "experiência com preparação de exposições". Previsivelmente "grandes habilidades em comunicação" foram as mais indicadas (70%), seguidas da "capacidade de trabalhar de forma colaborativa" (44%); uma habilidade que provavelmente não teria sido enfatizada há trinta anos<sup>21</sup>.

### **Acesso**

Durante o período de crescimento do ensino superior na década de 1960 e 1970, os arquivistas enfatizaram mais as aquisições que o acesso. Eles estavam preocupados com a

---

<sup>21</sup> Agradecimentos à Michelle Sweetser do Departamento de Acervos Especiais e Arquivos Universitários da *Marquette University* por ter compilado os dados sobre ofertas de emprego na *Archival Outlook*.

necessidade de recolher o material antes de sua perda ou destruição, e menos preocupados com o nível imediato de uso. Agora, entretanto, a pressão dos usuários para o pronto acesso à informação tem forçado os arquivistas a prestarem mais atenção à melhoria do acesso. O Dr. S. Venkadesan, chefe de serviços da biblioteca do Instituto Indiano de Ciência em Bangalore, Índia, identificou o acesso aos arquivos como "um desafio superior para profissionais da informação de hoje." Em particular, ele enfoca os "arquivos correntes" - dados organizados em acervos de informação que são facilmente recuperados<sup>22</sup>. O Departamento de Acervos Especiais da UCLA está aumentando o acesso aos seus "acervos ocultos" (arquivos não tratados) por meio de um programa inovador no Centro Universitário para Treinamento e Pesquisa Elementar. O centro associa os estudantes de graduação em contato com os acervos de sua área de interesse, os quais ainda não foram tratados. Os alunos recebem treinamento em arranjo e descrição e o resultado do seu trabalho fornece as informações necessárias para criar os registros MARC. A Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), contribuiu com maior número de instrumentos de pesquisa acessíveis na Biblioteca Digital e no Arquivo Online da Califórnia mais do que em qualquer outra instituição. O acesso a imagens em vídeos no arquivo imagéticos apresenta uma série de desafios, mas o trabalho em andamento no Centro de História Digital da Virgínia, e em outras universidades, representam uma promessa para um melhor acesso a esse material em posse dos arquivos de faculdades e universidades.

Inicialmente, a automação nos permite usar a tecnologia para realizar tarefas que, no passado, fazíamos manualmente. Um exemplo óbvio é a automação da criação de instrumentos de pesquisa, permitindo-nos revisar rapidamente, quando necessário. Eventualmente, a tecnologia não apenas automatiza as operações manuais, mas cria oportunidades para fazer novas ações que antes não eram possíveis. Por exemplo, a digitalização permitiu a busca textual sofisticada e um compartilhamento difuso de informação por meio da Internet. Atualmente, precisamos ir além da automatização de procedimentos manuais. Devemos olhar para os nossos usuários para entender as necessidades futuras. A geração "Net" é muito mais atenta às imagens do que a textos densos. Anunciantes *on-line* sabem disso e instituições acadêmicas estão aprendendo. Isto não

---

<sup>22</sup> Elsevier Library Conned Newsletter 2 (December 2004): 9.

é um argumento para abandonar o texto, mas sugere a necessidade de mas sugere a necessidade de complementar com apelos visuais (ou com imagens) a nossa tradicional dependência dos textos para envolver o público mais jovem<sup>23</sup>.

## **INICIATIVAS ARQUIVÍSTICAS<sup>24</sup>**

As prestações de contas<sup>25</sup>, a avaliação, a revolução digital, as normas técnicas, as mudanças de requisitos educacionais para entrar nessa área de estudo e o aumento das expectativas dos usuários estão afetando os arquivos universitários. A forma como nós respondemos a essas mudanças irá determinar o quão viável são os nossos programas de arquivo. A seguir, encontram-se algumas sugestões sobre o que podemos fazer para desempenhar um papel mais efetivo no atendimento das necessidades de nossas instituições e o vasto mundo do ensino superior por meio de uma melhor documentação e maior colaboração entre instituições arquivísticas.

### **Documentação**

Durante os anos 1980, os arquivistas enfatizaram a necessidade de gestão de documentos. Para arquivistas de faculdades e universidades aquela estratégia decorria da missão da instituição acadêmica e o compromisso tradicional de registrar o documento administrativo, legal, financeiro e histórico da instituição. Documentos antigos, de professores distintos, foram procurados para complementar os documentos oficiais da universidade. Atualmente, o uso generalizado de computadores individuais aumenta a probabilidade de que se pode perder a produção do corpo docente, incluídas suas pesquisas e correspondência, ao mesmo tempo em que é possível, tecnicamente, capturar um registro mais completo da sua atividade. Discos rígidos das faculdades contêm uma riqueza de informações e os arquivistas

---

<sup>23</sup> Elsevier Library Conned Newsletter 2 (December 2004): 8.

<sup>24</sup> CARLSON, Scott., "The Revolution Will Re Digital," *Chronicle of Higher Education* 51 (29 de abril de 2005): A30-32.

<sup>25</sup> LIPPINCOTT, Joan K., "Net Generation Students and Libraries," in *Educating the Net Generation*, ed. Diana G. Oblinger and James L. Oblinger (Boulder, CO: EDUCAUSE, 2005), Chapter 13, 1-15, <http://www.educause.edu/NetGenerationStudentsandLibraries/6067>.

precisam trabalhar com o corpo docente para garantir a retenção de documentação importante.

Não foi apenas a informação anteriormente registrada em papel que migrou para o digital, mas também grande parte de conversas telefônicas. As conversas telefônicas, essencialmente, eram documentação perdida; não precisa acontecer o mesmo com o *e-mail*, que substituiu tanto a correspondência impressa quanto o telefone, como principal meio de comunicação. Embora esses problemas venham carregados de questões jurídicas, os arquivistas precisam inteirar-se dos assuntos derivados de novas tecnologias e formas de comunicação.

Não há estatísticas publicadas confiáveis sobre a quantidade de tráfego de *e-mail* em instituições acadêmicas, mas um relatório estimou que, em 2002, eram enviados 31 bilhões de *e-mails* por dia, com estimativa de crescimento previsto para 60 bilhões até 2006<sup>26</sup>. Mesmo que a metade disso seja *spam*, o valor restante ainda assombra. Ainda que sejam resolvidas questões legais de acesso ao conteúdo de e-mails criados por funcionários da universidade, durante o curso de suas atividades e trabalhando em equipamento da própria universidade; separar o joio do trigo representa desafio igualmente difícil.

*Blogs* representam outra fonte de documentação evanescente. Um recente levantamento de *blogs* estimou que mais de quatro milhões foram criados nos sete principais serviços de hospedagem<sup>27</sup>. Estima-se que um novo *blog* é criado a cada 7,4 segundos, equivalente a 12.000 novos *blogs* por dia<sup>28</sup>. Professores criam os seus respectivos *blogs* como veículo para compartilhar suas opiniões e pesquisa, e como uma forma de ampliar a discussão sobre temas de seu interesse.<sup>29</sup> Embora seja tentador reduzir os *blogs* a um modismo ou inovação do dia, o professor Dan Hunter da Wharton School pensa de forma contrária:

---

<sup>26</sup> Online Computer Library Center, "2004 Information Format Trends: Content, Not Containers," pp. 4-5, <http://www.oclc.org/reports/2004format.htm>.

<sup>27</sup> *Ibid.*, 7.

<sup>28</sup> "The Future of Blogging," CNET, 5 de abril de 2005, [http://news.com.com/Thc+fulurc-of+blogging/2030-1069\\_3-5654288.html?tag=ht ml. alert](http://news.com.com/Thc+fulurc-of+blogging/2030-1069_3-5654288.html?tag=ht ml. alert).

<sup>29</sup> LUKER, Ralph E., "Were 1 here Blog Enough and Time," *Perspectives: Newsmagazine of the American Historical Association* 43 (May 2005): 29-32. See, for example, <http://mu-warrior.hlogspot.com>. For a summary of the use of blogs at the University of Minnesota Libraries, see <http://www.aerl.org/ala/acrl/aboutacrl/acrlsections/universitylib/liostonC urrentTopics.htm>.

"Tratava-se da ascensão do conteúdo amador, que está substituindo um conteúdo centralizado e controlado, produzido pelos profissionais"<sup>30</sup>. Mais especificamente, de acordo com o seu diretor associado de admissões, a Wharton School está usando *blogs* como ferramenta de *marketing* "para divulgar informações para os candidatos da escola e para acompanhar os desenvolvimentos de outras universidades"<sup>31</sup>. O professor Lawrence Lessing, da escola de Direito de Stanford, que tem sido um defensor vigoroso de mudanças na lei de direitos autorais, é um blogueiro ativo. Ele observou que todos os seus artigos em revistas jurídicas têm gerado retorno de apenas cerca de dez retornos. Em contraste, ele pontuou: "Quando eu posto coisas no *blog*, eu recebo, literalmente, centenas de *e-mails* sobre as coisas que postei, o tempo todo"<sup>32</sup>. Deveriam os arquivistas absorver alguns desses modismos em comunicações, utilizados por estudantes e professores e, acessíveis de forma gratuita?

Considerando-se que a quantidade de informação digital é avassaladora, aqueles que a procuram *on-line* querem que seja muito mais precisa do que uma simples informação bibliográfica ou metadados no âmbito do acervo ou do depósito. A Outsell, empresa de pesquisa e consultoria que enfoca "a indústria de conteúdo de informação", captou a forma como a tecnologia está transformando a criação e a comunicação da informação e o seu impacto nas bibliotecas. Seu relatório também tem implicações para os arquivos. De forma crescente, o relatório observou "Os usuários querem porções granulares de informações e dados, no momento da necessidade e no formato certo... Dessa forma, o mantra será: 'Tudo, em toda parte, quando eu quero, do jeito que eu quero'"<sup>33</sup>.

Um tema que tem ocupado os bibliotecários, muito mais do que os arquivistas, é a questão da comunicação científica, refletida em programas e atividades do *Council on Library and Information Resources* (Conselho de Bibliotecas e Recursos de Informação), *The*

---

<sup>30</sup> "The Future of Blogging," CNET, 5 de abril de 2005, [http://news.eom.com/lhe+future-of+blogging/2030-1069\\_3-5654288.html?tag=html.alert](http://news.eom.com/lhe+future-of+blogging/2030-1069_3-5654288.html?tag=html.alert).

<sup>31</sup> *Ibid.*

<sup>32</sup> DAYAL, Oeeta., "What If Professors Could Lecture 24-7? Blog Culture Invades Academia," Educational Supplement, *The Village Voice* (Spring 2005), <http://villagevoice.com/arts/0515,edsuppdalay,62903,12.html>.

<sup>33</sup> CORCORAN, Mary, "Trend Alert: The Future of Libraries," *Information About Information Briefing*, Outsell 7 (January 9, 2004): 2. Report available for purchase at <http://www.outsellinc.com/store/products/>.

*Association of College and Research Libraries* (da Associação de Bibliotecas Universitárias e de Pesquisa), e *The Association of Research Libraries* (Associação das Bibliotecas de Pesquisa). Por sua vez, essa atividade tem gerado uma série de novas organizações como *Coalition for Networked Information* (a Aliança para Informação em Rede), *Digital Library Federation* (Federação de Biblioteca Digital) e *Scholarly Publications and Academic Resources Coalition* (Aliança Internacional de Bibliotecas Acadêmicas e de Pesquisa). Uma abordagem para melhorar a relação custo/ benefício do acesso à pesquisa gerada pelo corpo docente da universidade é o estabelecimento de 'arquivos institucionais'. Cinco anos atrás, se alguém tivesse perguntado a um bibliotecário de universidade, membro do corpo docente, ou administrador, se a universidade tinha um arquivo institucional, eles teriam pensado em arquivos universitários tradicionais. Esse tipo de resposta é cada vez menos frequente hoje em dia. Tem-se relacionado um arquivo institucional, em grande parte das vezes, à pesquisa publicada e não publicada, e aos bens digitais do corpo docente de uma determinada instituição, arquivo este mantido em servidores da universidade. Até recentemente, arquivistas não tinham muita consciência desses arquivos, ou mantinham-se alheios à discussão, ao desenvolvimento ou à sua formulação. No passado, a conversa envolvia principalmente os bibliotecários, tecnólogos de informação e professores. Clifford Lynch, diretor executivo da CNI, define o arquivo institucional de uma maneira geral como "um conjunto de serviços que a universidade oferece aos membros de sua comunidade para a gestão e disseminação de acervos digitais criados pela instituição e membros de sua comunidade. Mais essencialmente, é um compromisso organizacional com a administração desses acervos digitais, incluindo a preservação a longo prazo, quando adequada, bem como a organização, o acesso ou a distribuição"<sup>34</sup>. Lembrando que a inclusão do 'digital' é cabível nos arquivos acadêmicos. Outra definição enfatiza os arquivos institucionais como "serviços de distribuição e gerenciamento que as universidades têm estabelecido para: (1) coletar o

---

<sup>34</sup> LYNCH, Clifford A., "Institutional Repositories: Essential Infrastructure for Scholarship in the Digital Age," *ARL Bimonthly Report* 226 (February 2003): 2, <http://www.arl.org/ncwsltr/226/ir.html>.

trabalho de professores para a disseminação e gestão, e (2) armazenar a vida cultural do *campus*"<sup>35</sup>.

Tal como os bibliotecários estão trabalhando para garantir um papel contínuo e importante no mundo digital, assim também devem trabalhar os arquivistas, a pena dos tornarem os arquivos, simplesmente, em depósito para documentos analógicos, majoritariamente papel, num mundo digital, em que nós, arquivistas, seremos, eventualmente, responsáveis por quantidade decrescente de informações institucionais. O arquivista Robert Spindler, da Universidade do Estado do Arizona, recentemente, observou que "no momento, os arquivistas têm uma oportunidade seminal de atrair investimento para algumas das funções arquivísticas essenciais, e trabalhar com bibliotecários, profissionais de tecnologia, os gestores de documentos, administradores de pesquisa, professores e editoras universitárias, no desenvolvimento de arquivos institucionais... O trabalho de adquirir, preservar e tornar as publicações universitárias disponíveis já não é mais apenas do domínio dos arquivistas; agora, nós temos muitos mais aliados e algumas ferramentas muito sofisticadas para atingir as metas que compartilhamos com as nossas universidades e o público em geral"<sup>36</sup>.

Embora ainda seja verdade que as instituições estão mantendo, em grande parte, informações importantes tanto em forma digital quanto impressa, a direção da mudança para o sistema digital é clara. As universidades estão sempre buscando manter seus sites atualizados com novos conteúdos e novos formatos. À medida que novos programas são desenvolvidos, a universidades rapidamente desenvolvem sua presença na *web*, e à medida que programas alteram ou acabam, elas rapidamente desativam seus sites. Onde é que o registro dessa atividade está sendo preservado? Pode ser através de um sistema de gestão de

---

<sup>35</sup> LYNCH, Clifford A. "Digital Learning Cultures in the Information Landscape," *Campus technology* (December 2004): 9, <http://campuslechnology.com/article.asp?id=103028p=9>.

<sup>36</sup> SPINDLER, Robert P. "Electronic Publishing, E I'D's and Institutional Repositories," May 1, 2005, <http://www.public.asu.edu/~spindler>. Spindler observa que a primeira sessão dedicada aos arquivos institucionais ocorreu na reunião anual do SAA em agosto de 2004. O autor fornece algumas sugestões específicas sobre a implementação de arquivos institucionais no seu projeto de artigo "Institutional Repositories and the Market of Ideas." Ver também uma análise criteriosa sobre essa questão apresentada por Douglas Biekness, "Institutional Repository: What Is the Role of University Archives with an Institution's On-line Digital Repository?" *Archival Issues* 28 (2003/2004): 81-93.



documentos institucionais, mas isso não tem ocorrido até o momento. Em vez disso, tais informações têm sobrevivido porque alguns arquivistas escolheram quais sites devem ser capturados de forma regular, devido à sua importância ou atualidade. Contar com os departamentos de criação para preservar seus sites é provavelmente irrealista, uma vez que esses sites são muitas vezes mantidos por funcionários estudantis e os arquivos provavelmente são substituídos quando o novo arquivo é carregado.

Na Universidade Marquette, o arquivista da universidade tem se concentrado em determinados sites. Como a universidade estava eliminando o seu programa de higiene dental, ele capturou o site daquele departamento. Assim como em outras instituições, a universidade tem se empenhado em discussões como o nome do mascote e da equipe atlética, muitas das quais não têm sido registradas no jornal do *campus* ou nas atas oficiais do conselho dos curadores. O arquivista também teve acesso a esta informação por meio do site da universidade. Os arquivos também estão trabalhando para capturar informações sobre a vida estudantil por meio de sites de organizações estudantis, muitas das quais se encontram fora do "domain" do site da universidade e têm vida curta.

Documentar a vida estudantil é vital para compreender instituições acadêmicas, mas a coleta dessas informações apresenta muitos desafios, como a ausência de documentos escritos relativos a um longo período de tempo. Talvez o esforço mais abrangente, até hoje, seja o projeto *Student Life and Culture Archival Program* (Vida Estudantil e Programa de Arquivo Cultural) da Universidade de Illinois, onde a doação de um ex-aluno tem financiado o serviço de um profissional, em tempo integral, desde 1991. Conquanto não documente sistematicamente o que realmente se passou em sala de aula ou a qualidade da escrita e o método de aprendizagem, irá se perder, essas informações contêm um impressionante e extenso acervo de recordações, fotografias, diários, coisas efêmeras, e rascunhos que refletem a vida estudantil. O guia do acervo também identifica os documentos nas diversas repartições da universidade, tais como aqueles de assuntos acadêmicos e de serviços administrativos, os quais têm relação direta com a vida estudantil. Isso pode servir como um

modelo para a identificação da gama de material necessária para documentar a vida estudantil<sup>37</sup>.

A criação de acervos, especialmente no ambiente *on-line*, tem atraído o interesse de não-arquivistas, e isso abre uma outra via para a cooperação e uma oportunidade para se beneficiar do trabalho dos outros. Um exemplo seria o trabalho de David Kirsch, professor assistente de gestão da Universidade de Maryland em College Park, de documentar a ascensão e a queda de negócios relacionados à Internet, entre 1996 e 2002. Até o presente momento, os arquivos em posse daquela universidade contêm informações sobre mais de duas mil empresas, das quais, quase a metade, possui documentação relevante, tais como planos de negócios e sumários executivos. Ele também está coletando histórias orais de executivos e investidores, substancialmente financiados por uma doação de 300 mil dólares da Fundação Alfred P. Sloan e 235 mil dólares da Biblioteca do Congresso. O professor Kirsch já está usando o material como estudo de caso em suas disciplinas de administração de negócios. Desde que ele começou este arquivo em 2002, tem crescido de tal modo que, agora, ele tem 39 mil usuários registrados de setenta países. O professor Kirsch afirma incisivamente que "normalmente, arquivistas e estudiosos esperam que os documentos do passado desçam em cascata, por meio de várias mãos, ao submundo dos arquivos históricos. Com os documentos digitais, nós não podemos nos dar ao luxo de esperar"<sup>38</sup>.

### **Colaboração**

Nenhuma instituição, por si só, está em posição de lidar com a multiplicidade de desafios e oportunidades criados pela revolução digital - a onipresença dos dispositivos de computação e comunicação, o aumento das expectativas do usuário quanto ao acesso e à privacidade, a fragilidade de armazenamento de informação e a obsolescência de equipamentos. A Seção "Faculdade e Universidade" da SAA poderia desempenhar um papel

---

<sup>37</sup> "Student Life and Culture Archival Program of the University of Illinois Archives," <http://www.library.uiuc.edu/archives/slc>.

<sup>38</sup> MANGAN, Katherine S. "Creating an Archive of Failed Dot-Coms," *Chronicle of Higher Education* 51 (April 15, 2005): A29—30, <http://businessplanarchive.org>.

útil aqui como uma câmara de compensações, mantendo seus membros informados sobre as atividades inovadoras de parceria e aquelas realizadas no âmbito do campus. As circulares daquela seção poderiam ser um veículo para esse tipo de informação, mas a sua frequência de publicação pode não ocorrer em tempo suficientemente hábil e seria necessário mudar o seu foco. A "listserv" da seção fornece um mecanismo em potencial, mas essa lista precisaria mudar o seu propósito atual, que se restringe a configurar-se em uma lista de anúncios para a SAA e para a chefia da seção, sem conferir aos membros a possibilidade de inserir informações na lista.

Uma solução mais complicada para difundir essa informação seria por meio das listas eletrônicas "Arquivos e Arquivistas" da SAA, mas essa solução padece do mesmo problema de tantas outras listas eletrônicas - muito debate e opinião sem conteúdo substantivo suficiente.

Tendo em conta que os membros reúnem entre si uma representatividade de ampla gama de educação, experiência e tipos de depósitos de arquivos, lograr uma discussão focalizada é tarefa problemática, na melhor das hipóteses.

A discussão em grupos menores, realizadas durante o encontro anual da SAA, oferecem espaço para acompanhar a inovação e o desenvolvimento de novas formas de colaborar. As sessões recentes têm sido práticas e úteis, lidando com armazenamento, gestão de documentos ou instrumentos de pesquisa *on-line*. Os programas das sessões na reunião anual da SAA apresentam oportunidades para o compartilhamento de pesquisas, mas isso depende das propostas de programas de voluntários e dos comitês. Por exemplo, em 2004, 2005 e 2006, enquanto havia muitas sessões que beneficiavam os arquivistas de faculdades e universidades, poucas lhes eram dirigidas diretamente e, na maioria das vezes, tratavam de uma única questão emergente - o desenvolvimento de arquivos institucionais<sup>39</sup>.

No entanto, as circulares, as listas eletrônicas de discussão, as sessões de trabalho em grupos reduzidos e a sessão anual ainda não abordaram as questões mais amplas de como a tecnologia, a prestação de contas e a evolução do papel da educação superior afetam o nosso

---

<sup>39</sup> SAA's 68th Annual Meeting, Boston 04 (August 2-8, 2004); SAA's 69th Annual Meeting, New Orleans '05 (August 14-20, 2005); SAA's 70th Annual Meeting Program, Washington 06 (July 30—August 5, 2006).

papel como arquivistas de faculdades e universidades; tampouco têm explorado, de forma adequada, programas inovadores ou os esforços de documentação colaborativa. A Seção *College and University* poderia identificar bons exemplos excepcionais de diferentes formas de documentação *on-line* que seriam atualizadas regularmente. Os exemplos poderiam incluir exposições *on-line*, o uso de formatos especiais, técnicas de exibição, recursos de indexação e de pesquisa, e assim por diante. Da mesma forma, a identificação de "boas práticas" de várias instituições na implementação de "Diretrizes para Arquivos de Faculdades e Universidades" da SAA (maio de 2005) seria particularmente útil para "os arranjadores solitários" e para os novatos na profissão. Por enquanto, não há nenhuma maneira fácil de encontrar bons exemplos, exceto procurar *sites específicos* de arquivos acadêmicos. Isso requer tempo e conhecimento consideráveis para determinar quais são os melhores exemplos<sup>40</sup>.

A tentativa de desenvolver estratégias de documentação dentro das regiões ou estados tem tido algum sucesso que será possível estender esse conceito de forma a incluir não apenas os métodos de documentação (o quê e como coletar), mas também como organizar os documentos e disponibilizá-los de forma mais ampla. Por exemplo, analisar o debate atual sobre a avaliação dos resultados da aprendizagem dos alunos poderia ser mais fácil resolver, caso ainda existissem, documentos confiáveis referentes ao desempenho dos alunos, para revelar suas habilidades de escrita e compreensão de texto. Apenas comparar notas ao longo do tempo pouco faz para remover a subjetividade do julgamento. As cópias e trabalhos escritos de estudantes realizados ao longo do tempo, porém, fornecem evidência tangível de como os estudantes de hoje se comparam com aqueles de uma geração anterior, sem levar em conta a possível inflação de notas. Na verdade, esse procedimento evidenciaria se os estudantes de hoje têm mais habilidade de escrita e de compreensão de texto que em comparação com os alunos de 30 anos atrás ou se eles têm apenas notas mais altas. Líderes educacionais, professores, agências de financiamento de crédito estudantil, governo, ex-

---

<sup>40</sup> Ver, por exemplo, Elizabeth Sudduth, Nancy Newins, and William Sudduth, *Special Collections in College and University Libraries* (Chicago: College Library Information Packet Committee, College Libraries Section, Association of College and Research Libraries, a division of the American Library Association, 2004). O conjunto de materiais SPEC são publicados por *Office of Leadership and Management Services* of the Association of Research Libraries, Washington, DC.

alunos e alunos, todos têm o interesse em descobrir a resposta a essa questão, mas a documentação que auxiliaria a respondê-la não foi preservada.

Isso não significa que cada instituição precise desenvolver um elaborado sistema para documentar a aprendizagem dos alunos. É provável, por exemplo, que instituições similares como as universidades católicas, as faculdades particulares de elite no "Oberlin Group," ou o grupo das dez universidades pertencentes ao Comitê de Cooperação Institucional concordariam com uma estratégia em que algumas instituições criassem ou preservassem determinado material, de modo que nem todas as instituições precisassem fazer o mesmo. Considere, por exemplo, o debate sobre a inflação das notas. É notório que o número de estudantes formando-se com "louvor" é maior do que em qualquer momento do passado. A pergunta que se apresenta é: por que está acontecendo esse fenômeno? Tendo em conta que é um fenômeno é generalizado, é pouco provável que a explicação seja diferente para cada faculdade. A documentação existente em algumas instituições poderia revelar-se adequada. Mas, a menos que os arquivistas se envolvam nessas questões e decidam como compartilhar esse tipo de trabalho, vamos continuar a depender de estratégias idiossincráticas elaboradas por arquivistas individuais.

Os arquivistas das faculdades e universidades percorreram um longo caminho desde que eu escrevi sobre a expansão do papel dos arquivos acadêmicos em 1976. O crescimento de disciplinas de educação em arquivo e o aumento dramático de publicações relevantes têm melhorado a educação dos arquivistas e a base de conhecimentos sobre a qual a profissão pode construir. Monografias importantes como *O Gerenciamento de Arquivos de Faculdades e Universidades*, de William Maher, e *Insígnias de Tempos Universitários*, de Helen Samuels, foram escritas no início da revolução digital. No entanto, muito do que eles têm escrito continua a guiar-nos agora. A discussão de Samuels sobre o ato de documentar os resultados de aprendizagem e de ensino, por exemplo, é especialmente relevante no atual ambiente de avaliações<sup>41</sup>. Entretanto, dadas as mudanças ocorridas desde 1992, ano de publicação dessas obras, chegou a hora de realizar-se uma revisão ou de construir-se sobre essa importante

---

<sup>41</sup> Helen Willa Samuels, *Varsity Letters: Documenting Modern Colleges and Universities* (Metuchen, NJ: Society of American Archivists and The Scarecrow Press, 1992), 68-72.

fundação, a partir do trabalho de outros autores<sup>42</sup>. As Diretrizes para Arquivos de Faculdades e Universidades da SAA demonstram o quanto as coisas têm mudado desde a sua última revisão em 1999. Pode ter chegado o momento para novas versões digitais das obras de Maher e Samuels, a serem mantidas atualizadas em um ambiente de rápida mudança.

## CONCLUSÃO

De todos os conselhos que transmiti há trinta anos, talvez o mais relevante, em relação àquilo que sugeri aqui, seja a minha conclusão anterior: "Todas essas ideias sobre serviços e pesquisas apontam para um papel mais amplo e mais ativo do arquivista nas faculdades e universidades... Essas sugestões devem ser consideradas com cautela. Nenhuma instituição tem recursos humanos ou financeiros suficientes para realizar todos esses projetos." Essa cautela não deve, contudo, impedir-nos de experimentar, e iniciar novos métodos de documentação, de forma seletiva. O papel de um arquivista, afinal de contas, é *documentar* e, não simplesmente, de *recolher* documentos. Quando os documentos oficiais são insuficientes para registrar as principais atividades da universidade, dos seus alunos, e de seus professores, o arquivista deve encontrar maneiras de preencher essa lacuna. Assim, concluo como fiz em meu artigo anterior: "As perguntas que um arquivista deve fazer são: Esses serviços valem a pena? Ajudam a documentar a história da faculdade ou universidade ou do ensino superior em geral? Se a resposta a qualquer uma das perguntas for 'sim', então, os arquivistas de universidades devem agir"<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Ver, por exemplo, MCFARLAND, Colleen. "Documenting Teaching and Learning: Practices, Attitudes, and Opportunities in College and University Archives," *Archival Issues* 29 (2005): 19-43.

<sup>43</sup> Nicholas C. Burckel, "The Expanding Role of a College or University Archives," *Midwestern Archivist* 1 (Spring 1976): 3-15.

---

**NOTA SOBRE A TRADUÇÃO:** A tradução deste texto é resultado das atividades do grupo de pesquisa Fundamentos Históricos, Epistemológicos e Teóricos da Arquivologia (FHETA) da Universidade de Brasília (UnB), liderado pela Dra. Cynthia Roncaglio, professora da Faculdade de Ciência da Informação (FCI/UnB) e Diretora do Arquivo Central da UnB, com participação da Dra. Shirley Carvalhêdo Franco, professora licenciada da FCI/UnB.

O texto foi publicado originalmente como Capítulo 1 do livro *College and University Archives: Readings in Theory and Practice* (2008), organizado por Christopher J. Prom e Ellen D. Swain e editado pela Society of American Archivists (SAA), a quem agradecemos a autorização para publicação da versão em língua portuguesa.

---